

O lugar da Educação Histórica no diálogo da Universidade com o Ensino Básico

Maria do Carmo Barbosa de Melo *

Resumo: Neste trabalho, busco conhecer a dimensão das relações estabelecidas entre a Formação de Professores de História e a Educação Histórica trabalhada na Escola Básica, considerando que a questão da qualidade dessa Educação estar diretamente vinculada á formação do(a) professor(a). Nesta perspectiva, procuro identificar os saberes históricos e as práticas pedagógicas utilizados nesse ensino, a partir de pesquisa realizada em escolas públicas de Recife, que são campos de estágios dos licenciandos de História da Universidade de Pernambuco Campus Nazaré da mata.

Palavras Chaves: Ensino de História, Universidade e Escola Básica.

Abstract: This paper reveals the relations between the Training of Teachers of History and History Education worked in the Basic School, considering that the issue of quality of education is directly linked to the formation of (a) professor (a). this perspective, trying to identify the historical knowledge and pedagogical practices used in teaching, from research conducted in public schools in Recife, which are fields of training of people who are going to be teachers of History, at Pernambuco University – UPE – Nazaré da Mata Campus.

Keywords: Teaching of History, and University Primary School.

Introdução

Partindo do princípio de que a educação é um dos mais importantes meios de promoção social e cultural de uma sociedade, bem como, condição necessária para o exercício da cidadania e liberdade individual, seu desenvolvimento não pode deixar de ser prioridade no processo de formação de professores. Assim, compete, principalmente, à Universidade empenhar-se, o mais possível, na construção do sucesso educativo.

A crescente incapacidade de resposta da escola aos atuais desafios que se lhe deparam, provoca grande esforço do governo e da sociedade em procurar meios que promovam discussões, no sentido de elaborar propostas para a redemocratização e melhoria da qualidade da educação.

Nesta perspectiva, os problemas que cercam o ensino da disciplina História devem ser relevados, no sentido de se promover meios que contribuam com efetiva mudança qualitativa da sua aprendizagem.

* Professora Doutora Adjunta da Universidade de Pernambuco

A principal dificuldade parece residir na “caracterização” das situações, ou seja, o diagnóstico, a partir das quais haverá que construir o projeto de intervenção. Assim, o alvo do nosso estudo é levar os alunos do curso de História da UPE, Campus Nazaré da Mata nos seus estágios supervisionados, a interrogar a realidade através da pesquisa e construir seu projeto de estágio, conhecendo a realidade onde vai atuar.

Em torno da Aprendizagem em História

Embora exista um vasto leque de estudos que trabalham o ensino-aprendizagem de História em alguns estados brasileiros, em Pernambuco tal campo de pesquisa é ainda emergente, mesmo considerando-se o importante papel que esta disciplina ocupa nos sistemas educacionais.

As polêmicas iniciadas nos grandes centros acadêmicos tem se expandido de forma gradual, sobretudo, nos Eventos Nacionais e Internacionais de História, justificando-se o espaço que a Educação Histórica vem ocupando no debate acadêmico.

Sendo a História, por um bom tempo, questionada pelo nível de complexidade que fogia ao alcance dos alunos que ainda não haviam atingido o nível cognitivo de operações formais, com a expansão destas investigações dá-se lugar à idéia de que as dificuldades de compreensão do aluno têm muito mais a ver com a forma como é trabalhado o conhecimento, que pode ser resultado das concepções históricas e da intervenção didática explícita e subjacente partilhada pelo professorado, possivelmente muito ligado a sua formação universitária e as variáveis de suas épocas e lugares.

Em 1978, Dickinson e Lee começaram a criticar esse enfoque, levando em consideração a especificidade da natureza da História (um fundamento epistemológico, inspirado na Filosofia analítica da História) e os métodos de trabalho realizados com os alunos (um fundamento cognitivo com influência das propostas de Bruner). Assim, essas novas teorias e pesquisas levaram à emergente discussão de que a compreensão do educando teria muito mais origem na forma como é trabalhado o conhecimento histórico do que na incapacidade cognitiva do mesmo.

Estudos sobre educação histórica têm destacado a necessidade dos educandos interagirem com a informação histórica e transformá-la em algo relevante e útil. Este enfoque parece possibilitar contextualizar o desenvolvimento cognitivo processando-se no contexto cultural. Nisso observamos uma contribuição muito grande para uma nova prática pedagógica,

construída com a interação dos sujeitos e com as bases que a História e a sociedade lhes oferecem, integrando os múltiplos diálogos travados com vários autores, com sua época e outras épocas e, principalmente, a sua originalidade. Nesta perspectiva, à psicologia de campo cognitivo parte-se de um modelo que engloba uma pessoa e o mundo ao seu redor, tal como é pertinente para ela.

Estágio Supervisionado: atitude experimental na Educação Histórica

Na preocupação de contribuir com uma formação adequada aos novos desafios, constituímos uma estratégia de integração de formação científica e pedagógica. Assim, trabalhamos com projeto onde determina que o estagiário desempenhe o papel de investigador, e seja capaz de recolher e organizar criteriosamente a informação, conhecê-la e criar projetos de intervenção que se adapte e(ou) modifique os elementos da situação. Assim, os estagiários precisam contemplar os seguintes momentos: investigar, observar, refletir, planificar e atuar.

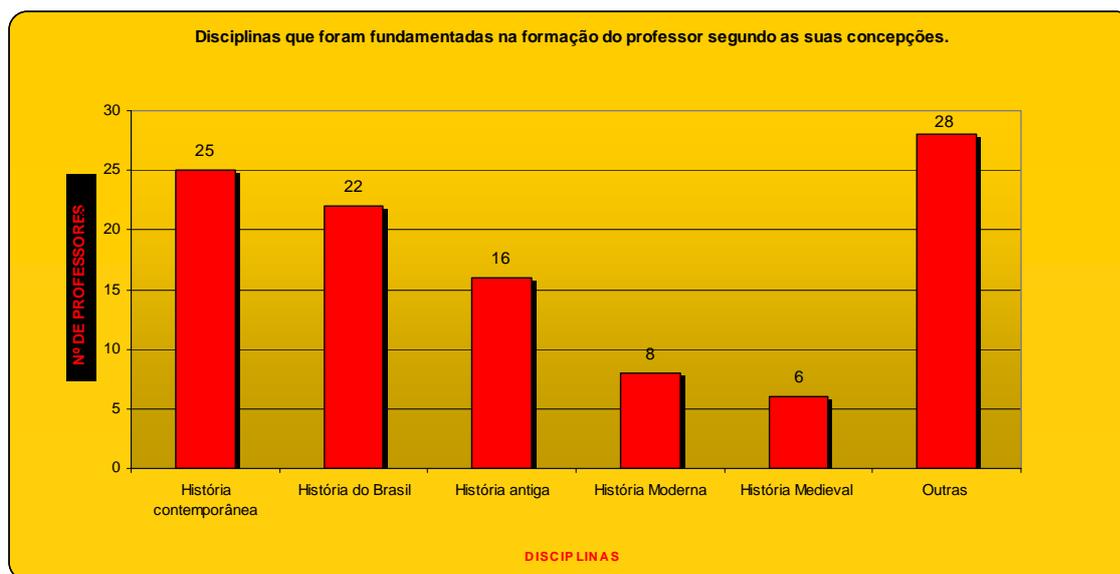
O primeiro objetivo deste trabalho foi levar o estagiário a conhecer a realidade do ensino no qual irá atuar, para a partir desse conhecimento, construir o seu projeto de estágio ligado às necessidades que ele julgue necessárias.

Neste sentido, foram feitas leituras e reflexões a respeito das novas perspectivas em Educação Histórica, pesquisa com professores de História, escolha de métodos, avaliação e mediação, atualização do planejamento e Projetos de intervenção.

Para recolha de dados, baseando-se nos princípios teóricos propostos e nas discussões realizadas, adotamos o questionário como instrumento de abordagem às questões consideradas adequadas para compreender a realidade do ensino de História. Foi solicitado de cada estagiário que pesquisasse três professores, como são 35 alunos, totaliza um universo de 105 professores. Temos assim, uma amostra válida para análise dos resultados quanto ao ensino de História no campo de estágio.

O debate em torno dos conteúdos que a escola deve trabalhar é profundamente complexo e contraditório. Assim, na perspectiva de adquirir elementos para ajudar nessa análise foi perguntado ao professor: *Na sua formação acadêmica, quais disciplinas cursadas foram fundamentais para seu conhecimento histórico? (Cite 3 por ordem de importância).*

A análise de respostas poderá levar a conhecer a estrutura curricular que influenciou na formação do professor:



O gráfico parece indicar que os professores continuam tendo como parâmetro, na sua formação, o modelo clássico que é evidenciado na divisão “oficial” da História mais a História do Brasil.

Podemos observar ainda a grande diversidade de respostas quanto a disciplinas fundamentais para sua formação, aparecendo 13 disciplinas variadas contrapondo as duas mais escolhidas: História Contemporânea e História do Brasil, o que parece refletir as dúvidas e indecisões dos docentes quanto a um currículo que responda as necessidades de mudanças.

O professor Jerônimo justifica sua escolha dizendo que:

A História Medieval ofereceu conceitos básicos da História como estruturas etc., além da formação da aprendizagem sobre a formação da civilização acidental, já a História da América pode observar os fundamentos da identidade, sociedade e cultura latino americana(...) e por fim com a História Contemporânea pode aprender os processos históricos na construção do presente e do amanhã. (Relatório do aluno Ulisses Batista da Silva – 5º período de História).

Assim, a resposta do professor na área curricular pode ser uma ressonância das suas oscilações quanto ao modelo que foi seguido na sua formação inicial, especialmente quando se percebe a tendência de determinar disciplinas específicas como estruturantes para o seu conhecimento histórico. É o que pode ser observado quando os currículos mantêm uma estrutura relacionada com um modelo de História etapista ou evolucionista como básico para a formação histórica.

A quantidade de adesão a outras disciplinas pode sinalizar necessidade de novos princípios que poderão gerar uma nova visão sobre o conhecimento histórico, permitindo o desenvolvimento de mundividências ou mentalidades plurais. Como exemplos destas outras disciplinas apontadas, estão: História do Pensamento Político, História da África, História das Artes, História das mentalidades, entre outras.

Perguntado, ao professor, *o material curricular mais utilizado no seu ensino*, 75% dos professores foram diretos ao afirmar: o livro didático. Tal afirmação, nos remete a interrogar a necessária preocupação com o aluno, sujeito diretamente influenciado pelo livro didático, que Chatier toma como eixo, ao dizer que: “Consiste na compreensão de que a história dos livros e da leitura requer que se focalize atentamente a tensão entre o poder do livro sobre o leitor e a liberdade e inventividade deste último na produção de sentidos no contato com os textos” (1990: 121).

Na citação, Chatier levanta a questão da relação da leitura e dos modos de apreensão e de reelaboração dos textos, que remete para um problema de competência e habilidade em trabalhar o texto. Considerando que o conhecimento que é apresentado na transposição didática baseia-se em muitos outros aspectos para além do domínio acadêmico dos saberes.

Nesta perspectiva, poderíamos responder que a mudança depende, em grande parte, de uma formação adequada do professor e do entendimento claro do significado e do sentido do seu trabalho.

Nos relatórios dos nossos estagiários visualizamos situações que podem ilustrar bem esta preocupação. Como o que diz Kleber, do 7º período:

Sobre o professor, posso afirmar que, (...) não possui grande embasamento teórico, deixando a desejar no que se refere ao ensino de História e à erudição a qual o ofício exige.

Diante da constatação como a de Kleber, podemos reafirmar que a aprendizagem de História, nas nossas escolas, não deve negar a análise da produção do conhecimento realizada nas nossas licenciaturas que se relaciona com a formação do professor como o “vulgarizador” do conhecimento, uma vez que a mesma se processa “dentro de um esquema tradicional”(Fonseca,1990:198).

Neste sentido, não podemos deixar de enxergar o depoimento desabafo de Tiago José, do 7º período de História:

Mais uma vez, ressalto a ineficácia dos cursos de formação de professores, que não preparam e nem capacitam devidamente para o exercício de um cargo de tamanha importância...

Este depoimento, evidencia a pesquisa sobre o desenvolvimento profissional dos professores como fulcral, considerando que só conhecendo é que se pode fazer a necessária reflexão que é o processo e o instrumento da teorização a partir da experiência, reestruturando saberes anteriores, que por sua vez constroem novos saberes.

Com relação à avaliação dos professores entrevistados quanto aos cursos de licenciatura, grande parte respondeu que o nível é satisfatório, apesar de umas péssimas avaliações para algumas instituições de ensino superior. Sobre a importância do Estágio Supervisionado, muitos disseram que adquiriram um mínimo de experiência necessária à prática no trabalho de docência, ressaltando que a experiência na docência foi adquirida depois de formado, ou seja, no exercício da docência.

Nesta perspectiva, analisamos que não tendo consciência clara de suas necessidades, os professores não conseguem sozinhos, elaborar as práticas destinadas a supri-las. Levados a executar o que não é planejado por eles, não acrescentam inovações para melhoria de seu trabalho. Na nossa leitura, deve ser função da Universidade ajudá-los a realizar uma análise de sua realidade, elaborando, a partir dela, um processo de mútua verificação e consolidação de fundamentos teóricos e práticos.

Perante os novos desafios do tempo em que vivemos, com profundas repercussões na formação dos indivíduos e na sua integração na sociedade, compete à Universidade empenhar-se, o mais possível, na construção de projetos que contribuam com a melhoria da qualidade da Educação. Neste sentido, o projeto em tela, é justificado, pois leva ao Ensino Básico as experiências e conhecimentos desenvolvidos na Universidade, ao mesmo tempo em que traz para o Ensino Superior os parâmetros reais do dia a dia escolar, que deverão influenciar no redimensionamento das pesquisas.

Considerações finais

Vivemos uma ampla rede de conexão, uma busca constante de uma perspectiva integradora que na escola afeta o domínio das disciplinas, muito especialmente a de História, e ainda as dimensões sociais e pessoais (corpo, mente, sentidos e desejos, relações, sonhos e projetos). Neste sentido, o conhecimento deve ter por finalidade estabelecer uma forma de compreensão e “transformação” da realidade.

Assim sendo, os formadores precisam estar diretamente envolvidos com a atividade de pesquisa, para poder tratar o conteúdo como um momento do processo de construção do conhecimento, ou seja, trabalhar o conhecimento como objeto de indagação e pesquisa.

Deste modo, é possível garantir discussões sobre qualidade de educação e a formação de professores de História e ainda, como os professores percebem e entendem sua formação acadêmica e sua ação educativa. Tal procedimento representa uma forma de tornar os professores e futuros professores de História co-responsáveis pela modificação de um sistema que se tem mostrado ineficiente e inadequado para o que se espera da Educação Histórica.

Bibliografia

- BARCA, Isabel(2001). Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em História. In: Actas das I Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: C.E.E.P.
- CHARTIER, R. (1990). A História Cultural: entre práticas e representações . Lisboa: Difel/Rio de Janeiro.
- FONSECA, Selva Guimarães (1990). Ensino de História: Diversificação de Abordagem. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 9, nº 19.
- MARC, Ferro (s/d). Falsificação da História. Tradução: Casais Franco, Lisboa, Publicações Europa-América, Ltda.
- MAGALHÃES, Olga Maria Santos de (2000). Concepções de professores sobre História e Ensino de História – um estudo no Alentejo. Tese de Doutorado. Universidade de Évora. Portugal.
- MELO, Maria do Carmo Barbosa de Melo (2006). O Labirinto da Epistemologia e do Ensino de História – um estudo em Recife. Tese de Doutorado. Universidade do Minho. Portugal.